

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

José Luis Aun Fonseca

TCC

ANÁLISE DE DOCUMENTÁRIO:

Impactos da coerção de técnicos no desempenho esportivo de crianças, sob a perspectiva
da Análise do Comportamento

SÃO PAULO

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

José Luis Aun Fonseca

TCC

ANÁLISE DE DOCUMENTÁRIO:

Impactos da coerção de técnicos no desempenho esportivo de crianças, sob a perspectiva da Análise do Comportamento

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof^a Dr^a Fátima Regina Pires de Assis

SÃO PAULO

2018

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a minha família que proporcionou meus estudos em uma excelente faculdade. Aos meus amigos de infância, que despertaram a minha paixão pelo esporte. Ao meu ex-professor do curso de Psicologia do Esporte, João Ricardo Cozac, que me apresentou este documentário, surgindo assim a ideia deste estudo. Aos professores de Análise do Comportamento da PUC-SP por me reforçarem positivamente há cada contingência aversiva de leituras difíceis dos textos behavioristas. E, por fim, à professora e orientadora Fátima Regina Pires de Assis pelas sugestões, orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo identificar os impactos do comportamento coercitivo de treinadores no desempenho esportivo de crianças. Para isso, foi analisada uma reportagem feita pelo canal de televisão Rede Globo, em que ao filmar jogos oficiais de basquete e futebol com crianças na categoria de 10 a 13 anos, mostram como os técnicos de ambos times se relacionam de forma coercitiva com seus alunos. Crianças que, ao errarem lances durante os jogos, são xingados e humilhados pelos seus respectivos técnicos na frente de todos seus companheiros de equipe e familiares presentes no estádio. Ao analisar esta reportagem, o presente estudo traz a noção da Análise do Comportamento sobre essa relação prejudicial dos técnicos no esporte, evidenciando alternativas para a coerção. Muito mais do que analisar os impactos dos comportamentos coercitivos de técnicos, este estudo pretende mostrar que estudar o desenvolvimento de crianças no esporte, pode abrir o caminho para melhorias no futuro esportivo.

Palavras chaves: esporte; técnico; crianças; coerção; controle comportamental; análise do comportamento.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO:.....	1
1.1 A criança no esporte:.....	1
1.2 O treinador esportivo.....	3
1.3 Reforçamento positivo como alternativa à coerção:.....	4
1.4 Efeitos da coerção:	6
1.4.1 A Fuga e Esquiva:	7
1.4.2 Supressão condicionada, coerção gera coerção e contracontrole:	9
2 MÉTODO:.....	11
2.1 Fonte:	11
2.2 Procedimento.....	12
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO:	12
3.1 Análise geral dos três técnicos:	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
5 ANEXOS.....	30
REFERÊNCIAS:.....	31

1 INTRODUÇÃO:

Estudar o desenvolvimento de crianças no esporte é abrir a porta para melhorias no futuro esportivo. Estudar ainda aspectos que degradam o esporte, como a coerção recorrente realizada por técnicos possibilita, pelo menos, uma visibilidade maior para que mudanças sejam pensadas. Mudanças no ensino, nas técnicas, nos modelos e sistemas esportivos efetivadas pelo mundo e em diversas modalidades esportivas. Para isso ocorrer, devemos evitar o ensino de condutas inadequadas desde a infância. Além de observar o comportamento coercitivo realizada por estes professores, este estudo procura entender também quais os impactos da coerção no desempenho esportivo destas crianças. O técnico como uma das principais fontes de exemplo dentro e fora de campo, pode determinar o rumo profissional de cada criança. Assim, com a pouca idade que tem, é através das crianças que temos a chance de recomeçar aquilo que perdemos há um bom tempo, a magia da competitividade e do prazer esportivo caminhando juntos.

Como base teórica, a Análise do Comportamento servirá como apoio e direção para o estudo desta pesquisa. Assim, noções dos efeitos da coerção no comportamento humano, são devidamente orientadas por autores behavioristas como os dois principais pioneiros neste assunto, Murray Sidman e Burrhus Frederic Skinner.

Como este trabalho tem como principal material um documentário, é relevante ressaltar a importância de se analisar filmes e documentários em uma pesquisa. Além de deixar o trabalho mais atrativo e reforçador, ter a possibilidade de entrar em contato com uma perspectiva teórica, neste caso da psicologia comportamental, sobre o assunto em questão, pode ser benéfico para o desenvolvimento das duas áreas presentes: o esporte e a Análise do Comportamento.

1.1 A criança no esporte:

A iniciação esportiva com crianças segundo GABARRA, RUBIO e ÂNGELO (2009), atinge muito mais do que simplesmente o início da prática esportiva, sendo também um

espaço de desenvolvimento de valores, conhecimento, condutas e rituais culturais. Assim, o papel dos professores de educação física torna-se essencial no processo de aprendizagem destas crianças, afinal, educação física antes de ser física, é educação.

Ainda segundo estas autoras, além do professor de educação física, os pais/família possuem também forte influência neste processo de desenvolvimento. Tendo também o papel de educador, os pais surgem como principal fonte de motivação à prática esportiva, uma vez que o local e a modalidade a ser praticada são, muitas vezes, organizadas e proporcionadas por eles.

Por fim, GABARRA, RUBIO e ÂNGELO (2009), para concluir a chamada “tríade professor-família-criança” evidenciam também o papel do protagonista desta relação, a criança. É nesta fase da infância que a criança tem a oportunidade de se desenvolver socialmente (fazer novas amizades), cognitivamente e individualmente (personalidade). O esporte proporciona através de atividades lúdicas este desenvolvimento para a vida adulta e, quiçá provavelmente, para a vida profissional destas crianças dentro do esporte. Ou seja, a prática esportiva, nesta fase, não é considerada competitiva, mas sim recreativa.

Entretanto, muitas vezes a realidade pode não ser bem essa. As crianças, que estão sob fortes influências dos professores esportivos e da família, podem estar sob enormes expectativas dadas por eles. E é neste ponto que surgem as críticas deste estudo. Expectativas como: “este meu jogador vai ser o responsável por trazer a taça para o clube este ano”, “ele vai ser a salvação financeira da família”, “vai ser o que eu sempre quis ser e não consegui”, “meu filho vai ser o novo Neymar”. Todas estas expectativas são exemplos das responsabilidades inseridas muitas vezes sem o conhecimento destas crianças.

Assim, são vinculados à estas expectativas, exigências por melhores resultados. O problema ainda pode se tornar maior, dependendo da forma com que quase sempre essas exigências são feitas. Cobranças, humilhações durante treinos e jogos, punições e até xingamentos são alguns dos recursos utilizados tanto por treinadores, quanto por pais e família.

Becker e Tolöken (2000) afirmam que estas demandas produzem *estresse competitivo*, fazendo com que o nível de ansiedade destes jovens jogadores aumente e afete áreas como autoestima, orientação e senso percepção. Ou seja, se antes, durante ou depois

de uma partida o técnico não tome cuidado com que vai passar aos seus jogadores, o estado psíquico e a performance esportiva de cada criança pode estar comprometida.

Ainda de acordo com Becker e Tolöken (2000):

Se examinarmos objetivamente o esporte, poderemos verificar que a competição em si mesma não é boa nem má, o que realmente importa são as circunstâncias do ambiente onde a criança compete. (2000, p. 131)

Por fim, podemos enfatizar que com todos estes fatores externos, o esporte pode vir como uma decepção na vida dessas crianças. Segundo Cozac (2013) dois conceitos que podem definir os resultados de tais fatores prejudiciais, estão surgindo no mundo esportivo. O *burnout* e o *dropout*. Burnout se caracteriza pela desistência total do esporte. E o dropout se caracteriza pela troca de modalidade, em que a criança procura outro ambiente esportivo e novas tentativas de se satisfazer. Ou seja, muitas vezes a criança muda de modalidade ou até mesmo desiste da prática esportiva por não se identificar com o professor, amigos ou até mesmo o esporte em si. Diante disso, podemos concluir que o ambiente externo à criança (técnicos, família e amigos) são variáveis decisivas para o futuro destes pequenos esportistas.

1.2 O treinador esportivo

Como mencionado no começo deste estudo, o técnico tem papel importante no desenvolvimento de seus jogadores dentro do mundo esportivo. No futebol, pelo menos, os atletas estão acostumados a chamar o técnico de professor, o que enfatiza ainda mais a importância e o papel de educador e conselheiro.

A forma com que os técnicos conduzem seus treinamentos e comandam seus jogos, produzirá condutas a serem seguidas pelos atletas. Condutas estas que podem ser boas, criando um ambiente agradável apesar de competitivo. Ou podem ser prejudiciais, resultando em um ambiente coercitivo em que os atletas são exigidos ao máximo, se não atingidas as metas.

Assim, o treinador deve promover bons exemplos de condutas a serem instauradas dentro da equipe. Se o técnico é agressivo exige mais do que o limite de cada jogador ou pune quando a meta não é atingida, o ambiente se tornará “aversivo”. Portanto, há duas maneiras de controlar comportamentos: reforçando ou punindo o indesejado. Ambas formas produzem podem até produzir resultados, porém seus efeitos e tipologias se diferem. Reforçar positivamente um comportamento considerado adequado, aumentará a probabilidade deste ocorrer novamente, aspecto contrário da conduta punitiva. (Estes conceitos serão abordados e explorados nos próximos subtítulos desta pesquisa, seguindo a teoria concebida por Sidman (1995).

Contudo, este estudo busca identificar, sob a perspectiva da Análise do Comportamento, os fatores que levam treinadores a se comportarem de maneira coercitiva e os impactos no desempenho esportivo destes pequenos jogadores.

1.3 Reforçamento positivo como alternativa à coerção:

A Análise do Comportamento, uma das principais vertentes da psicologia, entende que o controle comportamental é natural ao ser humano. O que a torna “boa” ou “ruim” seria a forma com que a interpretamos e utilizamos. Muitas vezes o controle comportamental está muito além do nosso alcance, é uma característica do mundo. A natureza nos controla de diversas formas: quando faz frio, colocamos um casaco; quando chove, levamos um guarda-chuva; quando escurece, acendemos o farol do carro e etc.

Muitas pessoas quando ouvem o termo controle comportamental já o relaciona com coerção. A coerção, segundo Sidman (1995), é uma subcategoria do controle comportamental, onde estão presentes também os conceitos de punição e reforçamento negativo (coerção) e reforçamento positivo (que não é coercitivo, tornando-se uma alternativa à coerção).

“A floresta é controle comportamental e um tipo de árvore, dentro dessa floresta, é o controle coercitivo. A árvore da coerção, gerando um fruto amargo e uma profusão de sementes, ameaça destruir a floresta, deixando aqueles de nós que nela vivem sem recursos não-coercitivos”. (Sidman, 1995, p. 44)

O conceito de reforçamento abrange dois tipos: o reforçamento positivo e o negativo. Ambos têm o objetivo de aumentar a frequência do comportamento desejado, porém a forma com que é feita e sua topografia os diferencia. No reforçamento positivo a resposta é seguida pela apresentação de um estímulo reforçador. Já no reforçamento negativo, a resposta é seguida pela remoção de um estímulo reforçador, tornando-se assim, parte da árvore da coerção. Já a punição, tem como objetivo a redução da frequência comportamental. Tendo também, como no reforçamento, dois tipos: a punição positiva e negativa. Com o objetivo de reduzir determinado comportamento, a punição positiva apresenta estímulos aversivos e a punição negativa remove reforços positivos. (Aprofundaremos no subtítulo “efeitos da coerção” mais implicações da punição).

Portanto, para sintetizar estes conceitos dentro das “árvores controladoras” de Sidman (1995), o controle comportamental abrange dois principais tipos de controle: o coercitivo (reforçamento negativo e punição positiva e negativa) e o não coercitivo (reforçamento positivo). Ambos são extremos entre si. Por exemplo, quando os pais querem que o filho estude mais, eles podem optar por tirar o vídeo game (reforçamento negativo → objetivo de aumentar o comportamento + remoção de um estímulo reforçador) ou podem proporcionar uma condição de reforçamento positivo, oferecer uma saída ao cinema depois dos estudos (objetivo de aumentar a frequência do comportamento + adição de um estímulo reforçador). Qual será a melhor alternativa? Será que coerção funciona?

Sidman (1995) diz que não funciona. Mas ressalta que não há uma resposta simples e direta como sim ou não. Com o objetivo de parar ou suprimir um comportamento, esta forma de controle pode ser eficaz (obter controle do comportamento de outras pessoas) no curto prazo. Porém, no longo prazo sua eficácia pode deixar de existir. Os radares de velocidade são exemplos desta ineficácia: quando estamos passando por eles, baixamos a velocidade. Logo em seguida, aumentamos a velocidade deixando de seguir as leis de trânsito já que chegar o mais rápido possível no compromisso é altamente reforçador.

Assim, se a punição está competindo com um reforçamento positivo, ela não funcionará em longo prazo (são as chamadas Punições Brandas). Porém, caso a punição seja forte, ela funciona e ainda poderá extinguir comportamentos alternativos. Em experimentos no laboratório, se fossem introduzidos choques fortes em sujeitos ratos, este

pode deixar de apertar a barra, parando assim, de procurar alternativas à sobrevivência. “*Se a punição for suficientemente forte, pode até mesmo por um fim à produção de reforçadores positivos que sustentam a vida*” (Sidman, 1995, p. 90)

Qual a melhor forma de controle? Aquela que somente ensina o que não fazer ou aquela que dá aos indivíduos condições de fazer melhor? Esta é a crítica que Sidman (1995) coloca em seu livro “Coerção e suas Implicações” e que servirá de referência básica neste estudo. As consequências da coerção em nossa sociedade, cancelam seus benefícios e tornam-se responsáveis por muito do que está errado em vários campos de nossos valores e da sociedade.

Passando para o âmbito esportivo, quais maneiras são mais adequadas e eficazes para que haja uma comunicação boa com seus jogadores. Ensinaamentos, dicas, repetições, exemplos, elogios nem sempre são utilizados da melhor maneira. Fazendo relação com os conceitos behavioristas presentes até então, para Gotze e Becker (2002) os ensinamentos devem ser consequenciados por reforçadores positivos, como por exemplo: elogios durante e após jogos, elogios para grandes jogadas, descanso depois dos treinos, eventos que chamem atenção do grupo (como ver uma partida de futebol na televisão todos juntos ou saídas ao cinema e etc.). Ou seja, através do reforçamento positivo, os jogadores tendem a sentir mais prazer e com isso, possibilita a melhor atuação dentro de campo. Uma bela alternativa à coerção.

A partir desta noção de controle comportamental e utilizando-se como análise um documentário que reflete comportamentos coercitivos frequentes de técnicos, o objetivo deste estudo é identificar os comportamentos coercitivos de treinadores e seus impactos no desempenho esportivo de crianças.

1.4 Efeitos da coerção:

Como vimos até aqui, o controle comportamental é utilizado quando gostaríamos que o comportamento de determinada pessoa mudasse. A análise de contingências nos permite o acesso a cadeia com que aquele comportamento se desenvolveu, identificando assim, primeiramente, e de uma forma mais prática, a conduta e suas consequências. Caso

tenhamos acesso as consequências que sustentam aquele comportamento, podemos mudá-las e ver se a conduta também se altera, sendo essa a essência da análise de contingências.

“Se quisermos entender a conduta de qualquer pessoa, mesmo a nossa própria, a primeira pergunta a fazer é: O que ela fez? O que significa dizer, identificar o comportamento. A segunda pergunta é: “O que aconteceu então? O que significa dizer, identificar as consequências do comportamento. ”.
(Sidman, 1995, p. 104)

Por exemplo, um time em que os atletas estejam tendo problemas com atrasos e faltas aos treinamentos, a comissão técnica pode tentar mudar as consequências de tal contingência. Poderia ser uma boa alternativa propor um bônus salarial para aqueles que não tivessem atrasos e faltas. Porém, nem sempre reforçamento positivo é responsável pelo o que fazemos. Podemos encontrar clubes que utilizam do reforçamento negativo e punição para controlar seus jogadores, que se comportariam tentando fugir de possíveis consequências ruins. Isto é, podemos nos comportar não porque nos traz algo bom, mas porque impede ou nos livra de algo ruim. Veremos a seguir efeitos do controle comportamental sob influência de reforçamento negativo e punição.

1.4.1 A Fuga e Esquiva:

Como vimos neste estudo, Sidman (1995) entende que a punição e reforçamento negativo são os mesmos efeitos (supressão comportamental) funcionando de maneiras diferentes. Portanto, podemos controlar, através da coerção, o comportamento de uma pessoa se este nos desagrada, o punindo ou reforçando seu comportamento negativamente.

Sidman (1995) diz que a fuga é um comportamento ocasionado e gerado por reforçamento negativo e punição. Quando alguém tem a intenção de nos controlar nestas circunstâncias, tentaremos nos distanciar e fugir o mais rápido possível deste estímulo e ambiente aversivo. Se estamos andando na rua sem guarda-chuva e começa a chover,

procuraremos imediatamente um lugar coberto ou uma loja para comprar o guarda-chuva, se distanciando do contato com o aversivo, fugindo deste evento.

Ainda segundo Sidman (1995) a esquiva tem a mesma causa da fuga, sendo também gerada por reforçamento negativo e punição. Só que neste comportamento, a situação coercitiva não está acontecendo como na fuga, onde reagimos no instante que a situação aversiva ocorre. Na esquiva, com a ajuda de um sinal avisando que um evento aversivo está por vir, nos comportamos evitando tal evento. Assim, seguindo o exemplo do parágrafo anterior, ao vermos que o céu está escuro e carregado de nuvens (sinal), pegamos um guarda-chuva antes de sair de casa para evitarmos o evento aversivo.

Este sinal, por sua vez, é denominado como um estímulo aversivo condicionado. Isto é, quando um evento aversivo ocorre, qualquer outro estímulo presente no ambiente deste evento poderá se tornar aversivo também. Portanto, quando uma professora grita com um aluno em sala de aula, além dela outros estímulos poderão se tornar aversivos, como: a sala de aula, a matéria desta professora, os colegas, a escola. Estes outros estímulos quando pareados com o evento aversivo, deixam de ser estímulos neutros, passando a ser estímulos aversivos condicionados.

Colocando em uma situação esportiva para exemplificar o comportamento de fuga, quando a torcida via um jogador durante o resto de uma partida por errar um lance importante que definiria o resultado, é possível que este venha a procurar saber quanto falta para o jogo acabar ou até fingir que houve uma contusão para sair o mais rápido possível deste ambiente aversivo.

E assim, para exemplificar o comportamento de esquiva, colocando também em uma situação esportiva, quando um jogador está em um momento com um histórico de errar muitos pênaltis, este evitará ter que converter pênaltis em jogos até que seu desempenho nos treinamentos melhore. Assim, se durante uma partida de futebol ocorre um pênalti (que seria o sinal) este tenderá a pelo menos ficar mais longe do lance, ou pedir para que outros companheiros convertam o pênalti.

Conduto, punição, fuga e esquiva são eventos que ocorrem sob decorrência do outro. Mesmo quando temos a intenção de apenas punir, geramos fuga e posteriormente esquiva. Quando punimos alguém, a pessoa punida tentará se distanciar o máximo possível do evento aversivo, gerando o que chamamos de fuga e esquiva.

1.4.2 Supressão condicionada, coerção gera coerção e contracontrole:

Pensemos: e quando não temos opção de escapar do choque (estímulo aversivo)? Quando sabemos que iremos tomar o choque, mas não temos saída para fugir. Como reagimos? O que devemos sentir? Como será nosso comportamento?

Em sua obra, Sidman (1995) descreve um experimento em que após um sujeito rato aprender a pressionar a barra para receber alimento ele é submetido a choques inevitáveis em sua caixa experimental. Inevitável? Isso, são choques que independente do comportamento do sujeito, ele ocorrerá. Antes do choque ocorrer, um sinal sonoro é acionado por durante um minuto. Assim que o som cessa, o choque é liberado. Neste período entre o sinal (som) e o choque, em vez do sujeito se comportar pressionando a barra para conseguir alimento ou possivelmente tentando fugir da caixa experimental para assim evitar o choque esperado, o rato se agacha tensamente, tremendo, defecando e urinando. Ou seja, o sujeito paralisa apresentando respostas reflexas, até que o pequeno choque venha a acontecer. Após o choque o rato volta a pressionar a barra e explorar a caixa experimental como antes.

O resultado deste experimento nos diz muito sobre quais nossas possíveis respostas quando sabemos que teremos choques inevitáveis. Pensemos no seguinte exemplo: um time de futebol está em um momento de várias demissões de seu elenco. E um de seus atacantes está tendo um desempenho bastante ruim na temporada. Ao chegar no treino, este jogador recebe a notícia que logo após ao término do treino, o diretor do clube quer conversar com ele em sua sala. Apesar de ter todas condições para ter um bom desempenho durante este treino, o jogador erra muitos lances, faz diversas faltas, não se esforça em campo e pede para ser substituído por estar sem energia. Nota-se que embora este atleta tivesse condições de fazer um bom treino suas respostas diminuíram e se enfraqueceram. Ocorreu então a supressão comportamental, sendo este, um dos efeitos de choques inevitáveis.

“Originalmente, o tom não tinha qualquer efeito discernível sobre o animal. Agora, tendo se tornado um sinal de choque inevitável, o tom coloca o sujeito em uma severa depressão comportamental, colocando um fim em sua

atividade construtiva. Analistas do comportamento chamam isto de supressão condicionada. ”. (Sidman, 1995, p. 210)

Por sua vez, imagine uma outra situação: na qual ficamos chateados com alguém, com raiva de algo, indignados com determinada ocasião, podemos usar uma almofada como saco de pancada ou podemos descontar essa raiva em alguém verbalmente ou até fisicamente, não precisando a agressão ser fisicamente dolorosa. Esse é um conceito intitulado por Sidman (1995) como “agressão induzida por punição”. Mesmo que a outra pessoa ou objeto não tenha nada a ver com tal conflito, ele será possivelmente atacado pelo indivíduo punido se o estímulo alvo (agressor) não estiver presente. Portanto, a coerção do punidor faz com que surja a *agressão* do punido, como um de seus efeitos colaterais.

Um outro efeito colateral que pode surgir nesta cadeia comportamental é o contracontrole. Este efeito colateral surge quando o sujeito punido, não conseguindo escapar do controle coercitivo realizado pelo punidor, aprende outras maneiras de escapar das punições ou ameaças. Por exemplo, um aluno que chega para fazer uma prova sem ter estudado antes, cola do amigo do lado. Ou seja, o aluno conseguiu fugir do controle que o professor teria sobre sua nota, caso tivesse feito a prova sem colar.

Segundo o autor, o contracontrole não é aprendido e executado pelo indivíduo punido logo em seguida à coerção. Este comportamento é aprendido através da história de reforçamento desta pessoa. Isto é, no caso do aluno que não estudou e colou do amigo na prova, este teve provavelmente em sua história comportamental outras situações em que o colar resultou em boas notas. Além disso, antes mesmo do contracontrole ser emitido, este aluno possivelmente passou pelos outros demais efeitos colaterais da coerção que estudamos acima, como: nas primeiras vezes em o aluno não estudou para prova pode ter sentido reações em seu corpo, como vontade de ir ao banheiro, tremor e etc.. Teve provavelmente também o comportamento de agressão induzida por punição, podendo, por exemplo, ter atacado/ignorado verbalmente alguém de sua família no dia anterior à prova. Para então, após um período em que entrou em contato com outras provas que também não tinha estudado, aprendeu que colar do amigo trazia melhores benefícios sem muito esforço e, com isso, teve a frequência deste contra controle aumentada.

2 Método:

2.1 Fonte:

A coleta de dados foi realizada a partir de uma reportagem produzida pelo programa “Sportv Repórter” no canal de televisão da Rede Globo. Este documentário, até o momento da confecção deste estudo, está acessível na plataforma digital do Youtube, através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=UR1c9kGnyq0&t=214s>. E, além deste link, está acoplado ao trabalho um CD com acesso ao vídeo (em anexos).

Apesar do documentário ser realizado por uma famosa emissora de televisão, não foi possível achar este em sua plataforma digital. Sendo assim, esta reportagem está somente na plataforma do Youtube. Este vídeo foi apresentado para o autor deste presente trabalho, durante uma das aulas de Psicologia do Esporte no CEPPE (Consultoria, Estudo e Pesquisa Psicologia do Esporte) administrada pelo Professor João Ricardo Cozac.

Este vídeo contém cenas de interações de três técnicos com seus respectivos jogadores. Durante todo o documentário são reproduzidas falas, diálogos e entrevistas destes técnicos durante suas partidas. Além dos técnicos, uma árbitra, as crianças (jogadores) e alguns pais também deram entrevistas. Foram transcritas tais verbalizações, porém nem todas foram utilizadas para análise.

Das verbalizações dos técnicos foram retiradas para análise aquelas que continham elementos com reforçadores positivos, de uma contingência punitiva e verbalizações contraditórias, formando, desta maneira, três categorias de análise. Para relacionar tais verbalizações foi utilizado noção de coerção e punição de Sidman (1995) e Skinner (1953/2003) nas respectivas obras: “Coerção e suas implicações” (Murray Sidman, 19995) e “Ciência e Comportamento Humano (B.F. Skinner, 1953/2003).

2.2 Procedimento:

Como um método de análise, este estudo fez uma transcrição das verbalizações dos técnicos, juízes, pais e crianças reproduzidas pelo documentário. Diante de tais transcrições, o foco de análise será nas falas dos protagonistas deste trabalho: os técnicos e crianças.

Através das transcrições de cada técnico, foram pensadas três categorias: verbalizações/reações coercitivas, verbalizações com reforçamento positivo e verbalizações contraditórias. Por fim, e após feitas estas categorias, foi analisada, sob as noções dos conceitos de punição de Sidman (1995) e Skinner (1953/2003), quais impactos no desempenho esporte teriam as crianças com tais verbalizações coercitivas feitas pelos seus próprios treinadores e qual seria a alternativa possível para a punição no âmbito esportivo.

3 Resultados e discussão:

Para a análise das seguintes verbalizações dos três técnicos presentes neste documentário, foram desenvolvidas três categorias através de tais elementos:

- Verbalizações e reações coercitivas: foram analisados termos como palavrões, repreensões e ironias;
- Verbalizações com reforçamento positivo: foram analisadas falas que incluíssem elogios e incentivos do técnico aos atletas e ao time.
- Verbalizações contraditórias: foram analisadas falas dos técnicos que contradizem suas ações durante os jogos presentes no documentário.

Verbalizações dos técnicos durante entrevistas do documentário:

A.B - time A:

- *“A partir do momento em que eles estão defendendo um clube grande como o Vasco ou um clube grande qualquer, eles têm que ter responsabilidade, tá? De fazer o melhor possível. Não é para o jogo, é para a vida deles. Eles têm que aprender que*

fazer o melhor possível é para a vida deles que eles vão ter isso. Então se desde criança você ficar botando responsabilidade, cobrando deles aquilo que a gente faz... atenção, entendeu? Desenvolver a agilidade deles, a velocidade de pensamento. Isso eles vão levar para o resto da vida. ” (3:31)

Ao ser perguntado se A.B já xingou algum jogador em campo:

- *“Muito (risos). Na hora a gente xinga. Eles também, às vezes entre eles, perdem a cabeça, é normal no esporte. Agora, o que eu sempre falo com eles é o seguinte: a minha preocupação é com o atleta, com o jogador, não com a pessoa. Então, às vezes a gente xinga, é o jogador que estou xingando. Não é a pessoa. ” (5:30)*
- *“No profissional você procura orientar taticamente, orientar dentro da partida, acertando os detalhes. Na categoria de bases, você tem que jogar junto. Você sai suado, cansado, porque você joga junto. Tem certas coisas que você não pode copiar do profissional, entendeu? Eles sabem o que estão fazendo de errado. E da criança não, você tem que tá em cima, para que ela corrija o erro dela. ” (7:00)*
- *“Eu acho que tenho filhos (risos) porque eu tenho a eles como são meus filhos, entendeu? ” (8:20)*

Verbalizações e reações durante a partida:

- *“Ricardo (criança, integrante do time) Ricardo, Ricardo! P****! ” (1:57)*
- *“Gabriel, segura a bola p****! ”*
- *“Sai neles p****! ” (4:42)*
- Segundo o próprio documentário: *“repare nesta cena: A.B se desespera com os erros de seu jogador e decide tirá-lo de quadra. Quando sai, ele ouve xingamento do treinador:*
 - *“Seu imbecil, quem mandou você bater bola? Quem mandou você bater bola? ” (5:07)*
- *“Isso é burro igual a uma porta! ” (5:56)*
- *“Garoto burro! Ser tão burro! É um animal! Como é que pode? ” (8:15)*

Tabela 1: verbalizações do técnico A.B: contendo elementos coercitivos, com reforçamento positivo e contraditórias.

Verbalizações/reações coercitivas	“Ricardo (criança, integrante do time) Ricardo, Ricardo! P****! ”	“Gabriel, segura a bola p****! ”	“Sai p****! neles	“Seu imbecil , quem mandou você bater bola? Quem mandou você bater bola?”	“Isso é burro igual a uma porta!”	“Garoto burro! Ser tão burro! É um animal! Como é que pode?”
Verbalizações com reforçamento positivo						
Verbalizações contraditórias	Ao ser perguntado, por um repórter, se ele já xingou em campo: “Muito (risos). Na hora a gente xinga. ”	“(…) Então se desde criança você ficar botando responsabilidade , cobrando deles aquilo que a gente faz. atenção, entendeu? Desenvolver a agilidade deles, a velocidade de pensamento. Isso eles vão levar para o resto da vida.”	(…) “Agora, o que eu sempre falo com eles é o seguinte: a minha preocupação é com o atleta, com o jogador, não com a pessoa. Então, às vezes a gente xinga, é o jogador que estou xingando. Não é a pessoa. ”			

Através da Tabela 1, referente ao técnico A.B, pode-se observar seis verbalizações coercitivas, nenhuma com reforçamento positivo e duas verbalizações contraditórias.

Na categoria de verbalizações/reações coercitivas, podemos identificar que A.B utiliza palavrões e xingamentos com seus jogadores durante as partidas. Fazendo uma relação

destes insultos com a teoria da coerção apresentada na introdução deste trabalho, estes palavrões e xingamentos podem ser entendidos como uma forma de punição. Isto, pois é possível observar que após um lance em que seus jogadores não fazem o que A.B queria ou o que ele achava o correto, o treinador emitia estas verbalizações com o objetivo de eliminar tais comportamentos, que para ele, eram inadequados (lances errados).

Na categoria de verbalizações/reações coercitivas, podemos identificar que A.B utiliza palavrões e xingamentos com seus jogadores durante as partidas. Fazendo uma relação destes insultos com a teoria da coerção apresentada na introdução deste trabalho, estes palavrões e xingamentos podem ser entendidos como uma forma de punição. Isto, pois é possível observar que após um lance em que seus jogadores não fazem o que A.B queria ou o que ele achava o correto, o treinador emitia estas verbalizações com o objetivo de eliminar tais comportamentos, que para ele, eram inadequados (lances errados).

Conforme Sidman (1995), foram então apresentados estímulos aversivos como os xingamentos e palavrões presentes na tabela acima. Sendo assim, tais verbalizações de A.B se caracterizam como o conceito de punição positiva, em que estímulos aversivos são apresentados após um comportamento considerado inadequado com a consequência sendo sua diminuição (por curto prazo, como veremos melhor ao final destas análises).

Na categoria de verbalizações contraditórias, pode-se entender que A.B reconhece e aceita a utilização de insultos durante seus jogos: *“Muito (risos). Na hora a gente xinga.”* Esta foi sua resposta à pergunta feita pelo entrevistador deste documentário, em que perguntou se A.B já xingou em campo. Essa pode ser uma hipótese do motivo pelo qual, na análise das cenas do presente documentário, não foi identificada nenhuma resposta de reforçamento positivo emitida por tal treinador. Portanto, esta fala se caracteriza como uma verbalização contraditória, pois mesmo sabendo que xingar pode ter um efeito negativo no desempenho do jogador, ele ainda usa estes insultos para se relacionar com seu time.

Outra verbalização que foi identificada dentro da categoria de verbalizações contraditórias é: *“Agora, o que eu sempre falo com eles é o seguinte: a minha preocupação é com o atleta, com o jogador, não com a pessoa. Então, às vezes a gente xinga, é o jogador que estou xingando. Não é a pessoa.”*

Um jogador é só jogador quando joga? Ou um jogador é também um ser humano quando joga? A separação destas duas classificações foi encontrada nesta fala do técnico A.B.

Apesar de não ser encontrada em mais falas, parece ser uma questão importante na percepção de todos técnicos do que representa um atleta. Mesmo sendo um atleta durante os jogos e treinamentos, não pode ser admissível xingamentos vindos daqueles que devem dar exemplos. Ou seja, quando o técnico ou qualquer outra pessoa xinga ou menospreza o jogador, atinge o indivíduo que está, no momento, “trajado” de ser atleta. E este jogador carrega durante os jogos emoções, características, comportamentos e respostas não diferentes de quem ele é fora de campo. Antes de ser atleta, tem que ser humano.

E, por fim, podemos analisar mais uma fala desta última categoria: “*Então se desde criança você ficar botando responsabilidade*”.

Será que a fase infantil é a melhor para se colocar responsabilidades? Será que as crianças não escolheriam o divertimento antes da taça de um campeonato para o clube ou ser responsável por ter que melhorar a situação financeira da família? Esses são alguns exemplos de responsabilidades que tanto técnicos como pais e família colocam para estas crianças.

Para responder tais perguntas acima, analisaremos não só está verbalização, como também uma fala de uma criança entrevistada durante o documentário.

Incentivar a fazer o melhor possível é diferente de botar responsabilidade em fazer o melhor possível. Na primeira fala, identifica-se certa coerência. Isto pois, fazer o melhor possível é aceitável, tanto para profissionais adultos ou crianças. Porém, segundo o que vimos na introdução deste trabalho, GABARRA, RUBIO e ÂNGELO (2009) defende que esta é a fase na qual a socialização com os amigos do time e divertimento na hora de jogar seria um dos objetivos e fatores relevantes para a criança entrar no esporte.

Verbalização de uma criança durante uma entrevista no documentário:

- *Você se diverte mais ou você se sente mais um atleta, que precisa ganhar para seguir no campeonato?*
 - M.R (criança): “*mais um atleta, para chegar nas playoffs. Para chegar na final do campeonato.*” (7:56)

Como resposta às perguntas feitas no início deste tópico, temos esta fala desta criança. Ao contrário do que se espera de uma criança, sobre praticar o esporte com divertimento, é imposto sobre eles responsabilidades de ganhar títulos, salvar o nome da equipe, ajudar nas despesas familiares e etc. E é neste sentido o conteúdo da fala desta criança: chegar nas playoffs para ganhar o campeonato é mais importante do que se divertir praticando esporte ao mesmo tempo.

A.C - time B:

- *“A gente cobra sim a dedicação, o esforço, né? A gente tenta jogar em grupo tudo que a gente trabalha durante a semana, a gente quer que eles façam na quadra. Só que a gente não pode extrapolar. De pegar e dar um esporro um pouco mais forte, eu xingar o garoto, né? Botar o garoto para baixo. Isso a gente não pode fazer.” (4:10)*
- *“Às vezes a gente passa um pouco do limite em uma situação as vezes boba que a gente tá acostumado a treinar sempre. Então a gente pega um pouquinho mais pesado. Mas depois a gente vai lá, faz um carinho, dá um abraço, pede desculpas, né? A gente procura não xingar o garoto de mirim. Não xingar, não falar palavrão, não botar para baixo. Mas a gente cobra sim, é duro com eles.” (6:19)*
- *“Ah, você tem que estar transmitindo para eles, além do basquete, valores né? De trabalho de grupo, de respeito ao próximo, não só o seu colega, mas o adversário também” (8:01)*
- *“As vezes é duro você ouvir uma pessoa que não é da família dando uma bronca no seu filho. Mas depois eles foram entendendo o trabalho. Foram vendo que, na verdade, aquilo é só uma cobrança para que eles façam o certo. Não é para menosprezar, para diminuir. Não é nada disso. É só para tirar o máximo que eles podem dar” (16:11)*

Reações (verbais e expressivas) durante a partida:

- Reação expressiva de indignação → olha para o céu e coloca a camisa em cima da cabeça, após um lance. (4:12)
- Reação expressiva de raiva após um lance, seguido da verbalização: *“Jailson, Jailson, p****!”*. (4:28)
- *“Isso. Sabe o que é isso? É o medo de fazer ponto. Se você não confiar, quem vai confiar?”* (6:08)
- *“Adivinha para quem vai a bola, filho? Você tem duas chances. Vai pro titio aqui, vai?”* (ironia) (6:46)

Na tabela 2, referente ao técnico A.C, foram identificadas quatro verbalizações/reações coercitivas, novamente nenhuma de reforçamento positivo e quatro verbalizações contraditórias.

Apesar deste técnico utilizar “somente” um palavrão durante as partidas presentes no documentário, foi possível identificar duas outras formas que podem ser categorizadas como punição, o repreender e a ironia. Na mesma linha de raciocínio da tabela 1, em que os palavrões e xingamentos eram apresentados para punir lances errados de seus jogadores, as ironias e repreensões também são apresentadas pelo técnico A.C com o mesmo objetivo de diminuir tais comportamentos indesejáveis. Se caracterizando assim como uma punição positiva, por ser adicionado um estímulo aversivo logo após a lances errados.

- *“Isso. Sabe o que é isso? É o medo de fazer ponto. Se você não confiar, quem vai confiar?”* - repreensão
- *“Adivinha para quem vai a bola, filho? Você tem duas chances. Vai pro titio aqui, vai?”* - ironia

Tabela 2: verbalizações do técnico A.C: contendo elementos coercitivos, com reforçamento positivo e contraditórias.

Verbalizações/reações coercitivas	Olha para o céu e coloca a camisa em cima da cabeça, após um lance em que seu jogador errou.	Reação expressiva de raiva após um lance, seguido da verbalização: “Jailson, Jailson, p****!”	“Isso. Sabe o que é isso? É o medo de fazer ponto. Se você não confiar, quem vai confiar?” - repreensão	“Adivinha para quem vai a bola, filho? Você tem duas chances. Vai pro titio aqui, vai?” (ironia)
Verbalizações com reforçamento positivo				
Verbalizações contraditórias	“(...) Só que a gente não pode extrapolar. De pegar e dar um esporro um pouco mais forte, eu xingar o garoto, né? Botar o garoto para baixo. Isso a gente não pode fazer.”	“(...) Então a gente pega um pouquinho mais pesado. Mas depois a gente vai lá, faz um carinho, dá um abraço, pede desculpas, né? A gente procura não xingar o garoto de mirim. Não xingar, não falar palavrão, não botar para baixo. Mas a gente cobra sim, é duro com eles.”	“Ah, você tem que estar transmitindo para eles, além do basquete, valores né? De trabalho de grupo, de respeito ao próximo, não só o seu colega, mas o adversário também”	“(...) Foram vendo - (pais) - que, na verdade, aquilo é só uma cobrança para que eles façam o certo. Não é para menosprezar, para diminuir. Não é nada disso. É só para tirar o máximo que eles podem dar”

Estas ironias e repreensões emitidas pelo técnico A.C podem ser, nessas situações de jogo, estímulos aversivos. Isto, pois o técnico estaria botando em jogo a capacidade de

seus atletas terem habilidades suficientes para praticar o esporte. Em vez de ensinar o certo, A.C descreve o errado de uma maneira menosprezível.

Na situação da primeira fala seu jogador até poderia estar com medo. Normal até por ter um técnico que o pune quando faz algo errado. Será que falando desta forma mais menospreziva durante um jogo, na frente de seus companheiros e familiares, irá de fato diminuir tais comportamentos errados? Na segunda fala se configura a mesma análise. Em vez de fazer ironias e repreensões, talvez descrever o certo (reforçamento positivo), corrigindo o errado poderia ser uma opção nestas duas situações.

Já que na segunda categoria da tabela dois não consta nenhuma verbalização de reforçamento positivo, podemos passar para a última categoria desta tabela: verbalizações contraditórias.

- *“(...) **Só que a gente não pode extrapolar.** De pegar e dar um esporro um pouco mais forte, eu xingar o garoto, né? Botar o garoto para baixo. Isso a gente não pode fazer.”*
- *“(...) aquilo é só uma cobrança para que eles façam o certo. Não é para menosprezar, para diminuir.”*

Como objetivo desta categoria, é possível observar que este técnico não faz o que diz fazer ou não fala o que diz que faz. Isto é, ele diz que não pode xingar nem, mas xinga na hora do jogo. Diz que não pode extrapolar, botar seus jogadores para baixo, mas os menospreza ironizando e repreendendo suas jogadas.

- *“Ah, você tem que estar transmitindo para eles, além do basquete, **valores** né? De trabalho de grupo, de respeito ao próximo, não só o seu colega, mas o adversário também”*

Esta frase, do técnico A.C, seria uma fala perfeita sobre o significado de valores. Porém, seguindo a lógica desta categoria é possível analisar que os comportamentos deste técnico não seguem seus conceitos de valores. Um técnico que xinga seus atletas durante as partidas, não estaria transmitindo valores, como ele mesmo deu exemplo, de respeito ao

próximo. Como ele vai passar valores para o time se ele mesmo não respeita seus jogadores?

A.D time c:

- *“Essa molecada, tem que jogar junto com eles. Porque é a semana toda treinando, treinando, treinando. Ai chega no jogo desses com a adrenalina alta, eles tem que jogar, porque se eles ficarem sentados no banco, eles vão amolecer. Então comigo não tem moleza, eu jogo junto com eles!” (11:00)*
- *“O treinador tem que ter um pouco de psicologia, tá? Foi o que eu falei para você, acabou o jogo eu não deixo ninguém ir embora. Vamos no vestiário, eu converso com eles, eu analiso cada criança.” (12:48)*
- *“Eu trabalho com crianças. Só que quando a bola rola, eles se acham atletas.”*

Reações durante a partida:

- *“Vamos jogar p****!” (2:50)*
- *“Ei, ei, ei, ei, psiu, ei! Olha o que eu falei, p****! Vamos jogar! Calma, calma!” (10:50)*
- *“Calma, calma. Ei, ei. (reagindo a um lance de jogo). Aline! (juiz da partida) P****! Que isso Aline? Que isso Aline?” (11:16)*
 - *Aline: “eu vi a vantagem e ponto final! Acabou, não vou falar com o senhor!” (11:31)*
- *“Vamos com o coração p****!” (12:44)*

Durante o vestiário:

- *“Parabéns para vocês, parabéns mesmo. Porque óh, foi com vontade e com disposição que a gente ganhou esse jogo. Porque era o jogo da nossa vida. Se a gente perdesse, tava fora. Se ganhasse, tava na briga. Tamo na briga. Parabéns, tamo junto e vamos chegar lá. E o que eu provei para vocês e para o nosso diretor Germano (que estava ouvindo ao lado do técnico), tá fechado! Quem tá, não sai. Quem tá lá fora não entra mais. Entendeu? Parabéns para vocês.” (13:32)*

Tabela 3: verbalizações do técnico A.D: contendo elementos coercitivos, com reforçamento positivo e contraditórias.

Verbalizações/reações coercitivas	“Vamos jogar p****! ”	“Ei, ei, ei, ei, psiu, ei! Olha o que eu falei, p****! Vamos jogar! Calma, calma!”	“Calma, calma. Ei, ei. (reagindo a um lance de jogo). Aline! (juiz da partida) P****! Que isso Aline? Que isso Aline?”
Verbalizações com reforçamento positivo	“Parabéns para vocês, parabéns mesmo. Porque óh, foi com vontade e com disposição que a gente ganhou esse jogo. Porque era o jogo da nossa vida. Se a gente perdesse, tava fora. Se ganhasse, tava na briga. Tamo na briga. Parabéns, tamo junto e vamos chegar lá. E o que eu provei para vocês e para o nosso diretor Germano (que estava ouvindo ao lado do técnico), tá fechado! Quem tá, não sai. Quem tá lá fora não entra mais. Entendeu? Parabéns para vocês.”		
Verbalizações contraditórias	“O treinador tem que ter um pouco de psicologia, tá? Foi o que eu falei para você, acabou o jogo eu não deixo ninguém ir embora. Vamos no vestiário, eu converso com eles, eu analiso cada criança.” (12:48)	“Eu trabalho com crianças. Só que quando a bola rola, eles se acham atletas.”	

Já na tabela 3, referente ao técnico A.D foram identificadas três verbalizações coercitivas, uma verbalização com reforçamento positivo e duas verbalizações contraditórias.

Da mesma maneira que nas demais análises feitas da categoria de verbalizações/reações coercitivas, este técnico utilizou palavrões com seus jogadores. E com o mesmo sentido de punir lances errados, apresentou tais estímulos aversivos.

Um aspecto que pode-se observar de diferente dos demais técnicos é a utilização de palavrões com a juíza (na última verbalização desta primeira categoria). O técnico tendo um papel de exemplo dentro e fora de campo, xinga a juíza que é a autoridade maior durante uma partida. É possível que estas crianças sigam seu técnico, emitindo também tais comportamentos com os juízes, os desrespeitando. Esta hipótese destas crianças emitirem também comportamentos mais agressivos durante os jogos está presente na fala da juíza que apitou a partida do time deste técnico:

- *“A maioria dos garotos que estão aqui não jogam só salão. Jogam campo também. Então já vem a pressão de lá. A pressão daqui. Ai junta pai e treinador, entendeu? E a rivalidade que já criam entre si, porque se conhecem de outros lugares. E acaba caindo na nossa mão administrar isso, entendeu? **A gente pega ânimos exaltados. Eles são crianças, mas já se acham homens. Ai se você deixar, eles querem te peitar.**” (11:38)*
- *“Esse é um dos grandes pecados do futebol de salão e do futebol e do esporte em geral, **porque são pessoas despreparadas a frente de equipes, entendeu?** Assim, essa categoria, até treze anos, é educativa. Então, você gostaria que falassem assim com seu filho? Que dessem um esporro?” (14:20)*

Na segunda categoria da tabela 3, foi identificada uma verbalização com reforçamento positivo:

- *“Parabéns para vocês, parabéns mesmo. Porque óh, foi com vontade e com disposição que a gente ganhou esse jogo. Porque era o jogo da nossa vida. Se a gente perdesse, tava fora. Se ganhasse, tava na briga. Tamo na briga. Parabéns, tamo junto e vamos chegar lá. E o que eu provei para vocês e para o nosso diretor Germano (que estava ouvindo ao lado do técnico), tá fechado! Quem tá, não sai. Quem tá lá fora não entra mais. Entendeu? Parabéns para vocês.” (13:32)*

Pode-se observar que além do técnico fazer elogios ao grupo, ele ainda descreve como se deu tal vitória do time diante das dificuldades encontradas. Fazendo tais elogios, certamente, o técnico aumenta a probabilidade de tal desempenho ocorrer novamente. E fazendo a descrição da vitória, ele ainda fortalece um modelo de jogo a ser seguido em outras partidas do time. “Primeiro definimos um reforçador positivo como qualquer estímulo que, quando apresentado, aumenta a frequência do comportamento ao qual é contingente.” (Skinner, 1953/2003, p. 202).

Diante de tais análises acima, podemos entrar na última categoria desta terceira tabela, verbalizações contraditórias. Com a verbalização: *“Eu trabalho com crianças. Só que quando a bola rola, eles se acham atletas.”*. Podemos pegar o engate da fala da juíza acima. Estas crianças têm seu técnico como um dos exemplos de se comportar em campo. Se tal treinador xinga, menospreza, fala palavrão durante os jogos, seus jogadores poderão entender que é assim que se joga, desrespeitando o outro. Se o técnico trata seus jogadores crianças como atletas adultos, talvez estas crianças acabem se comportando realmente como atletas adultos.

- ***“O treinador tem que ter um pouco de psicologia, tá? Foi o que eu falei para você, acabou o jogo eu não deixo ninguém ir embora. Vamos no vestiário, eu converso com eles, eu analiso cada criança.”*** (12:48)

Por fim, esta fala do técnico A.D, diz muito sobre a cultura do esporte brasileiro, principalmente no futebol. Como por exemplo: psicólogos - quando presentes na comissão técnica dos clubes - sendo demitidos. Declarações de técnicos dizendo que eles próprios seriam os psicólogos de seus times e que este profissional não seria necessário.

Dizer que todo técnico tem que ter um pouco de psicologia não está errado. Mas ao contrário do que o técnico A.D disse, quem tem maior capacidade para analisar crianças no esporte, é o psicólogo. O profissional da psicologia do esporte, diferentemente do treinador, tem toda uma formação especializada para tal. E, claramente, emitindo xingamentos, palavrões e desrespeitando o próximo, este técnico não seria a melhor opção para se acompanhar crianças esportistas.

3.1 Análise geral dos três técnicos:

Indo na mesma linha de raciocínio sobre o conceito de Sidman (1995) em relação a punição presente na introdução deste estudo, Skinner (1953/2003) diz que o indivíduo punidor utiliza a punição para reduzir tendências de comportamentos indesejados que foram estabelecidos pela sua história de reforçamento. Assim, punindo essas tendências, o indivíduo punidor consegue suprimir tais comportamentos por um tempo, porém não os eliminar.

Um padrão pode ser observado nestas verbalizações da primeira categoria: quando o jogador erra um lance ou o lance não sai da maneira como o técnico quis ou pediu, palavrões, xingamentos, ironias, repreensões e gestos de descontentamento são emitidos pelos técnicos durante a partida. Assim, pode-se entender que com o objetivo de diminuir os erros de seus atletas, os técnicos utilizam tais insultos que, se caracterizando como punição, iria “eliminar” comportamentos inadequados (lances errados) de seus jogadores.

Portanto, e considerando que na primeira categoria (sobre verbalizações/reações coercitivas) todos técnicos utilizaram xingamentos e palavrões, é importante ressaltar uma similaridade de análise desta categoria para todos os técnicos. Como dito no parágrafo acima, foi observado um padrão comportamental na emissão de tais insultos durante as partidas, resultando em uma relação coercitiva entre os técnicos com seus respectivos jogadores.

Ainda de acordo com Skinner (1953/2003):

A longo prazo, a punição, ao contrário do reforço, funciona com desvantagem tanto para o organismo punido quanto para a agência punidora. Os estímulos aversivos necessários geram emoções, incluindo predisposições para fugir ou retrucar, e ansiedades perturbadoras. (1953/2003, p. 199)

Considerando tais apontamentos de Skinner (1953/2003), podemos entender que utilizando a punição como ferramenta de ensino no esporte, os técnicos além de suprimir

comportamentos indesejados por um curto prazo, fazem com que seus jogadores fujam ou evitem o contato com tal estimulação aversiva, sendo reforçadas quaisquer outras respostas, chegando desde mudanças na posição em campo ou de clube, até a desistência no esporte. Assim, segundo tais efeitos nocivos, podemos entender que punindo seus atletas, os técnicos não proporcionam contingências para a variabilidade de diferentes jogadas e lances, fazendo com que as respostas de seus jogadores se conduzem na direção de evitar o contato com tais estímulos aversivos em vez de aprender, entender o que errou, desenvolver e melhorar seus desempenhos esportivos.

Skinner (1953/2003) ainda aponta que:

Em resumo, uma dada cultura é um experimento de comportamento. É um conjunto particular de condições no qual um grande número de pessoas se desenvolve e vive. Essas condições geram padrões ou aspectos do comportamento - o caráter cultural - que já examinamos. O nível geral de interesses dos membros do grupo, suas motivações e disposições emocionais, seus repertórios comportamentais, e à medida que praticam o autocontrole e o autoconhecimento, tudo isso é relevante para a força do grupo como um todo. (...). Em consequência, determina a medida em que são capazes de se empenhar em atividades produtivas na ciência, nas artes, no artesanato, nos esportes, etc. (1953/2003, p. 199)

Ademais, considerando a independência ou autonomia comportamental destes técnicos, o presente trabalho teve como método descrever e analisar seus comportamentos. Mas como aponta Skinner (1953/2003) no parágrafo anterior, os repertórios comportamentais de cada indivíduo são influenciados pelo ambiente social, ou seja, pela cultura. Isto é, quando certas respostas são reforçadas ou punidas, padrões comportamentais são estabelecidos e emitidos pela cultura. Assim, cada indivíduo possui um repertório comportamental (como costumes e valores) regido, em um nível mais amplo, pela cultura.

Considerando essa importância da cultura nos repertórios comportamentais, pode-se entender que há também influências do ambiente social na conduta exercida destes três técnicos analisados no presente estudo. Se em uma cultura é presente e/ou permitida a agressão verbal e moral no esporte, tanto os técnicos como os praticantes de tais modalidades tenderão seguir estes padrões comportamentais reforçadas pela cultura. Porém, é importante evidenciar que esta influência cultural pode até explicar tendências comportamentais, mas não a escolha por tais comportamentos.

Para evidenciar ainda mais a influência da cultura nos comportamentos dos indivíduos, segue abaixo a transcrição de uma fala de um dos pais que este documentário reproduziu:

- R. (jogador de basquete profissional e pai de uma das crianças em campo): *“Ele também está acostumado de ver o pai tomando bronca dos treinadores, onde o pai dele joga. Então, a gente fica um pouco chateado, lógico, porque a gente não quer ver um filho sendo cobrado. Mas é bom pra ele, bom pra carreira dele, pro futuro dele. E ele sabe que é pro bem dele que os treinadores estão fazendo isso. Desde pequeno eu precisava dessa pressão, entendeu? Eu não acho errado, também não acho certo. Mas eles são crianças né? Ao mesmo tempo eles estão sendo preparados para o futuro. Daqui a pouco eles podem ser atletas profissionais do Vasco e, tendo um Vasco x Flamengo, já estão acostumados com a pressão.” (16:46)*

Contudo, relacionando a fala acima com o que Skinner (1953/2003) defende sobre a influência da cultura em nossos comportamentos, pode-se observar que até os pais destas crianças tendem a aceitar esta quantidade de exigências, cobranças, e punições vindas dos técnicos. A cultura de qualquer modalidade pode sofrer influências do local onde é praticado.

É comum, pelo menos no futebol, as pessoas evidenciarem estilos de jogos diferentes entre campeonatos de diferentes continentes. Como por exemplo: no futebol da América do Sul os jogadores cometem muitas faltas e são mais “catimbeiros”. Em alguns campeonatos da Europa, o estilo de jogo é mais leve, com mais passes e menos faltas. Quando um jogador que comete muitas faltas durante os jogos vai para algum

campeonato em um estilo de jogo diferente, ou ele tem que se habituar ou a torcida não o aprovará. Pode-se ver, nesta comparação, que dependendo do local e modalidade, a cultura do esporte pode seguir a cultura do ambiente.

Contudo, não retirando a responsabilidade destes técnicos pelos comportamentos coercitivos apresentados e fazendo uma relação com o que Skinner (1953/2003) aponta, a cultura comportamental do esporte, pode ter sido influenciado pela cultura do ambiente.

4 Considerações finais:

A partir das relações produzidas neste trabalho entre as perspectivas sobre coerção e punição de Sidman (1995) e Skinner (1953/2003) e as verbalizações dos técnicos presentes no documentário analisado, pode-se concluir que a punição esteve presente nas interações destes técnicos com seus jogadores mirins.

Segundo tanto Sidman (1995) como Skinner (1953/2003), o indivíduo que utiliza a punição tem o objetivo de reduzir a frequência de comportamentos que, para ele, são inadequados. Tendo a punição efeitos como, por exemplo, supressão, fuga e esquiva, ela se caracteriza por funcionar somente há curto prazo. Se a coerção for forte e/ou inevitável, tais comportamentos de fugir ou se esquivar dos estímulos aversivos não serão emitidos, ocorrendo uma supressão comportamental e eliciando respondentes.

Ao total os técnicos presentes neste estudo emitiram treze verbalizações/reações coercitivas e uma verbalização com reforçamento positivo. Segundo Sidman (1995) e Skinner (1953/2003), uma alternativa à punição é justamente o reforçamento positivo, que daria às crianças maiores possibilidades de variar seus comportamentos, sendo reforçados com elogios e descrições, podendo, desta maneira, aprender e melhorar seus desempenhos dentro de campo.

Além do esporte e dos conceitos behavioristas presentes neste trabalho, estamos estudando crianças. Crianças que, nesta fase da vida, deveriam ter o esporte como uma atividade lúdica o suficiente para a aprender valores, novas habilidades e conquistar novas amizades, ao mesmo tempo que se diverte. E para isso a coerção feita por técnicos e pais podem prejudicar a caminhada destes jovens e, quem sabe, futuros atletas.

Para finalizar tal estudo com “chave de ouro”, a seguir o leitor poderá ter acesso à carta de uma criança reproduzida deste mesmo documentário analisado. Além de ler, se o leitor puder acessar esta reportagem e ouvir, ao final do vídeo, a leitura desta carta dublada por uma criança, possivelmente se emocionará com tais impactos que a coerção pode gerar no desempenho e futuro esportivo destes pequenos atletas:

“Pai,

Eu estou escrevendo essa carta, porque como eu sou muito pequeno, as pessoas não ligam para a opinião das crianças. Pode ser que com uma carta eu possa me expressar sem ser criticado. Pode ser que quando você estiver calmo, você lê esta cartinha, sobre tudo o que estou dizendo aqui e não brigar comigo. Eu gosto muito de jogar futebol, quero ser um atleta de sucesso. Para isso, eu conto principalmente com o seu apoio e ajuda. Quando conseguimos vencer uma partida, eu fico muito feliz. Meus colegas e treinadores também. Mas o que eu mais gosto é de ver você feliz. Porém, quando nós perdemos eu quero que saiba que eu, meus colegas e treinadores, somos aqueles que mais sentem a derrota. Preciso, nesta hora, do seu apoio e incentivo. Mas nem sempre é assim: você reclama, grita, briga comigo. E reclama dos meus companheiros e treinadores. Quando você xinga o árbitro ou responde à torcida adversária, eu fico muito nervoso, com medo que comece uma confusão e acabe em brigas. Pai, eu te amo muito! Me ajuda a ser um bom atleta, atendendo os poucos e simples pedidos que faço à você. Pois prefiro desistir do futebol, a ver você envolvido em brigas com outras pessoas.

Com amor,
seu filho Junior.”

5 Anexos:

Referências:

BECKER, Benno JR; Telöken, Elenita. **A Criança no Esporte**. Campinas: Papyrus, 1995.
BECKER Jr., Benno. Manual de Psicologia do Esporte e Exercício. Porto Alegre/Novo Hamburgo: Novaprov, 2000 a.

BECKER, Benno JR; Götze, Marisa Mendes. **A comunicação entre crianças, pais e treinadores na escolinha esportiva de basquetebol em aulas e eventos esportivos – a perspectiva a partir dos sujeitos**. Movimento. Porto Alegre, n.3, set. 2002

COZAC, João Ricardo IN: Bornout em Atletas de Alto Desempenho. **Psicologia do Esporte atleta ser humano em ação**. São Paulo, SP: Editora: abdr. 2013. cap. 17, p. 151-160.

GABARRA, Letícia Macedo; RUBIO, Kátia; ANGELO, Luciana Ferreira. **A Psicologia do Esporte na iniciação esportiva infantil**. **Psicol. Am. Lat.**, México , n. 18, nov. 2009

Disponível Em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2009000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 maio 2017.

SIDMAN, M. (1989/1995). **Coerção e suas implicações** (M. A. Andery & T. M. Sério, trads.). Campinas: Editorial Psy II.

SKINNER, B. F. (2003). **Ciência e comportamento humano** (J. C. Todorov, & R. Azzi, Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953)

